

OLHARES

A serenidade outonal



A pressa não deixa ver
riquezas em passos solenes
infantis e primeiros,
afoitos e transbordantes de alegria,
decididos e cúmplices num breve sim,
no arrastar pesaroso de uma dor plácida.

Carregam-se estórias que o amor gerou
olha-se o fruto que promete um amanhã.
O perto e o longe são o mesmo lugar
e a mão estendida tem o silêncio da paz.
As cores outonais chamam-se esperança,
a brisa de véspero fez tremer uma folha
que rodopia e dança gracioso amor.
E a alma sorri porque o espanto é eterno.

E o amanhã?
Será um novo espanto.
A vida, uma sucessão de espantos...
o espanto tem olhos novos,
o espanto reinventa a esperança,
o espanto dá asas à liberdade,
o espanto saboreia o encontro com o Amor.

Juca Palmeira

A Inteligência Artificial (IA) é a solução ou um bicho papão?

Quando há um grande salto tecnológico, as reações alternam entre o deslumbre e o terror. Aconteceu com a introdução do computador, da folha de cálculo e até mesmo com o "Dr." Google. Enquanto uns deitaram as mãos à cabeça ao verem o seu futuro e do seu emprego a desaparecerem, outros exploraram as suas potencialidades e criaram novos empregos e oportunidades.

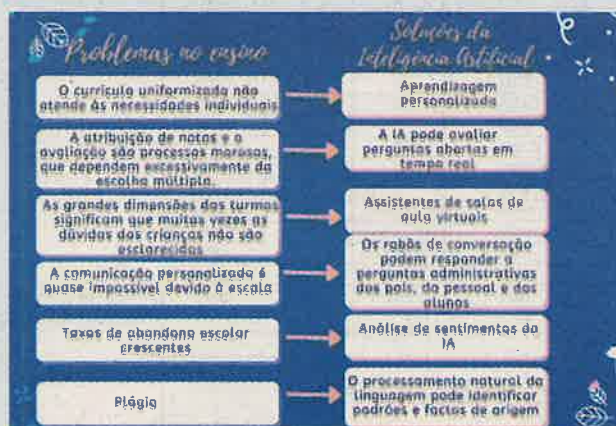
A ferramenta ChatGPT e as suas congéneres para muitos surgem também como a solução para tudo; para outros como um demónio que com tudo vai acabar. Estas ferramentas "escrevem como um papagaio fala, sem saber o que diz", escreveu há uns dias Miguel Castanho.

A Inteligência Artificial sem a contrapartida da inventividade humana nas artes, nas ciências, na literatura ou no jornalismo, por exemplo, traz consigo o risco do cinzento, da normalização implícita, da atrofia das capacidades humanas. É aqui que nos devemos focar ao discutir o uso e impacto da chamada Inteligência Artificial nas nossas vidas.

A Inteligência Artificial na Educação

A Inteligência Artificial (IA) pode acelerar a aprendizagem personalizada, proporcionar aos alunos avaliação e feedback contínuos e aplicar análises de aprendizagem para diferenciar o processo de aprendizagem, de forma a adaptá-lo às necessidades individuais dos alunos em tempo real (UNESCO, 2020).

Algumas das soluções que a IA pode trazer à educação:



Baseado em: How artificial intelligence is disrupting education | e27

Susana Lobão e Álvaro Guedes

Uma luzerna de sol

Não será difícil imaginar que a moda estatística das conversas que esvoaçam pelas salas de professores, corredores, entre os golos de um café ou de uma garfada, além das lamentações das prestações desportivas dos encarnados, são as lástimas da educação, dos nossos alunos, das pseudo formas de inclusão que mais não são descrições sem etiqueta, dos casos anedóticos que fazem rir para não chorar...

Somam-se as persistentes tentativas intermédias e superiores para complicar processos, ou caiarem-se de bondosas formas impositivas e uniformizadoras deixando a riqueza da diversidade pedagógica ser pura miragem. As forma(ta)ções propostas/impostas têm ganho lastro remetendo-me para o faustoso banquete servido ao rei D. Luís, na Póvoa de Varzim, e cozinhado pelo conhecido abade de Priscos, cuja resposta do Abade ao Rei, todos conhecemos: "Todo o burro come palha, a questão é saber-lha dar".

O destino das escolas será transformarem-se em sucursais de Chapitô, sem pretender diminuir esta respeitosa instituição?

Refila-se, mas faz-se, e os projetos educativos são importantes, maravilhosos, deviam ser apenas um instrumento e não se absolutizarem.

O dia a dia, o que acontece hora a hora nas salas sem condições onde os computadores demoram uma eternidade a funcionar - quando funcionam -, onde a internet é uma miragem; onde o ruído é demasiadamente desculpável no dia-a-dia, ao contrário dos exageros opostos durante os exames estavais; onde se confunde educação dos hábitos alimentares com a proibição disto e daquilo dentro da escola, 'obrigando' o povo miúdo e graúdo a pôr os pezinhos fora do portão e aí já não interessa; das bandeiras verdes içadas enquanto os caixotes do lixo reclamam a não discriminação/segregação e se atire para dentro sem critério, quando não se deixam restos de sandes, latas e embalagens onde calha...

Depois deitam-se foguetes com tudo o que enche o PAA (Plano Anual de Atividades), o que enche o olho, para se fazer boa figura.

Transformamos as escolas numa espécie de campo de refugiados com uma escolaridade obrigatória sem verdadeiro acompanhamento e adequação às reais necessidades de cada aluno, recebemos alunos estrangeiros com equivalências cegas que são altamente discriminatórias com a pele de igualdade, encafuamos alunos sem conhecerem patavina de português (não é que os nativos saibam muito mais...) quando seria mais útil (talvez) pensar-se nestas situações de modo a criar-se um ano transitório, por exemplo, com um reforço forte da Língua Portuguesa, cultura portuguesa, projetos de socialização dentro da escola e/ou nas autarquias (aqui sim, os projetos deveriam ser sobre valorados).

Não será que o mundo adulto, tão preocupado está com as novas gerações, que se mimetiza nelas não dando oportunidades a estas de terem alguém que lhe possa servir de referência?

Não corremos o risco de, mesmo inconscientemente, termos vontade de sermos porreiros, fixes?

Depois respira-se um inquinamento dos relacionamentos laborais, muito fruto da obsessão pela avaliação docente para se garantirem filtros e atrasos na progressão da carreira.

Os dias estão a minguar e chumbados de nuvens, qual imagem fiel dos horizontes educativos.

Ontem, como em tantos dias e anos, estava num intervalo em amena cavaqueira com o colega X (um X com nome e apelido), junto à máquina impessoal que despeja bebidas à porta da sala de professores.

Uma senhora, sorridente, aproximou-se e imediatamente percebi que não se dirigia a mim. Pensei ser uma nova colega, mas saudou o X tratando-o por professor.

O colega X respondeu à saudação reconhecendo a senhora.

- Professor! - disse ela. - Desculpe interromper, mas queria aproveitar para lhe agradecer ter sido meu professor nesta escola.

- Que curso fez? - questionou o profe X.

- Fiz engenharia civil. Fui sua aluna de Matemática no 12º ano. E agradeço-lhe ter puxado por mim e sido exigente, senão não teria feito o curso de engenharia. Muito obrigada!

Alargou o sorriso, deu um jeito à mochila, despediu-se e foi escadas abaixo.

O profe X, acanhado, sem jeito, ficou sem palavras, mas na penumbra do espaço deu para perceber-lhe um brilho primaveril no olhar.

Fui um mero espectador, mas não me senti indiferente. O meu colega deve ter ganho oxigénio para mais algumas corridas de fundo nesta prova longa que é a educação, o muí nobre ofício de descortinar e apontar horizontes.

Cuidado, mas, como sabemos de experiência feita, não basta apontar, mas dar ferramentas, apontar possibilidades altas que o empenho se encarregará de tornar real.

Enchi o peito, dei uma palmada nas costas ao X. que de forma desajeitada me disse:

- É por isto que ainda vale a pena fazermos alguma coisa.

Senti-me orgulhoso e sem negar o minguar dos dias, uma luzerna de sol aqueceu o meu dia.

José Maia